



Coqueiro
Maldito
a história, o crime, a praga.

Leonardo Saleh

Coqueiro
Maldito
a história, o crime, a praga.

ADAPTAÇÃO, DESENHOS, ROTEIRO E DIAGRAMAÇÃO

POR


LEONARDO SALEH

*Quando a tarde chegou ao fim , sem chuva,
mas com o céu ainda cinzento, tinha terminado
a saga cristianizada de Manuel da Motta Coqueiro.*

Carlos Marchi, 1998.

*Meu filho, quem não vai para o céu,
não adianta olhar para cima.*

Dito popular sempre repetido por meu pai e
atribuído a sua avó, Salim Saleh.



Provavelmente, um tipo de coco deu nome à cidade onde se passa a nossa história, Macaé.

O coco, no folclore de muitas culturas, representa a iminência do mal.

Para os hindus, o coco representa a vida, sendo a casca, o corpo; sua carne branca a mente e a água, o espírito...

Já o coqueiro, para eles...

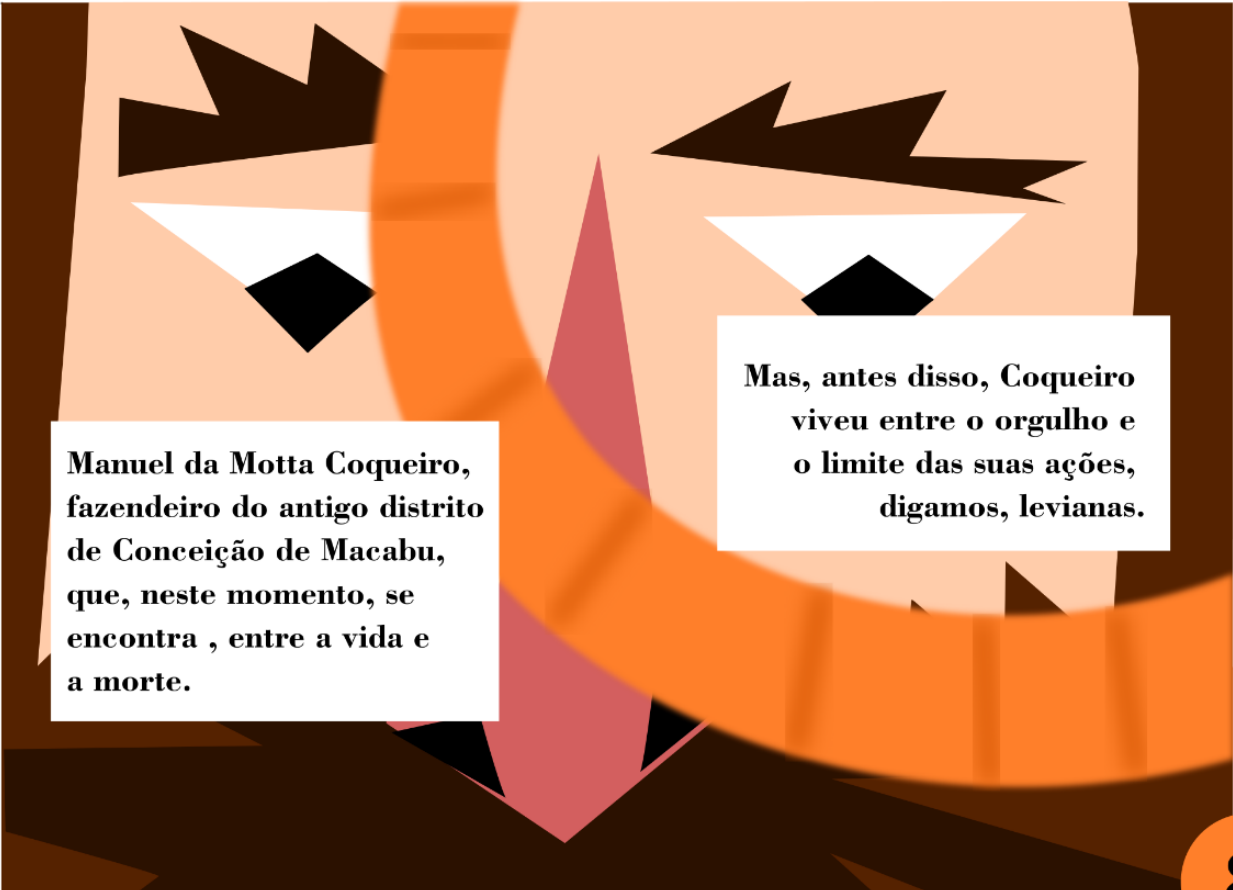
...é a prisão que existe entre o Céu e a Terra, onde ficariam suspensas as almas que não são bem-vindas em nenhum desses lugares.



Ano de 1855.

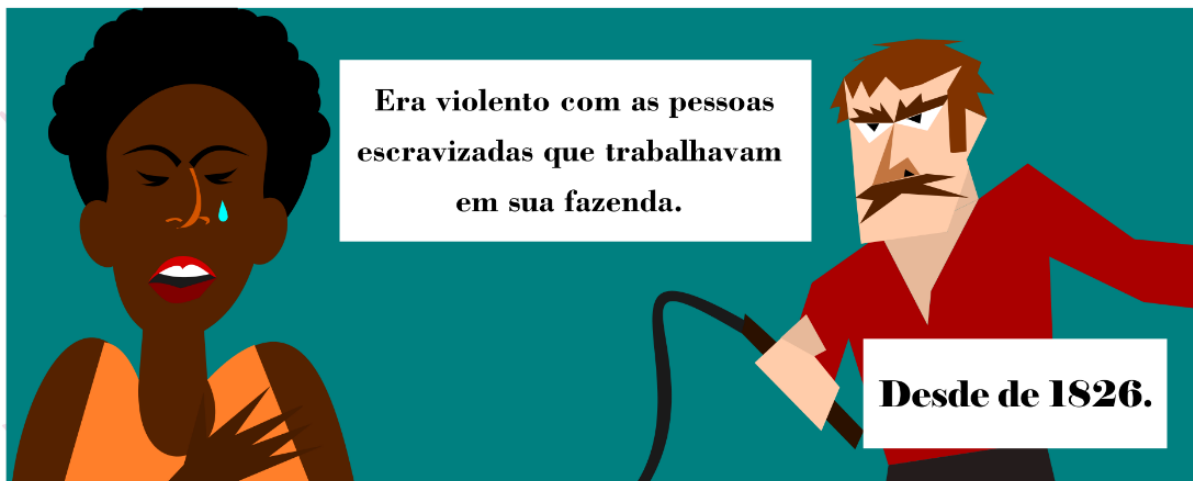
**Praça do Rossio,
Macaé.**

Nossa história contará sobre
um outro famoso "coqueiro"
da cidade Macaé.



**Manuel da Motta Coqueiro,
fazendeiro do antigo distrito
de Conceição de Macabu,
que, neste momento, se
encontra , entre a vida e
a morte.**

**Mas, antes disso, Coqueiro
viveu entre o orgulho e
o limite das suas ações,
digamos, levianas.**



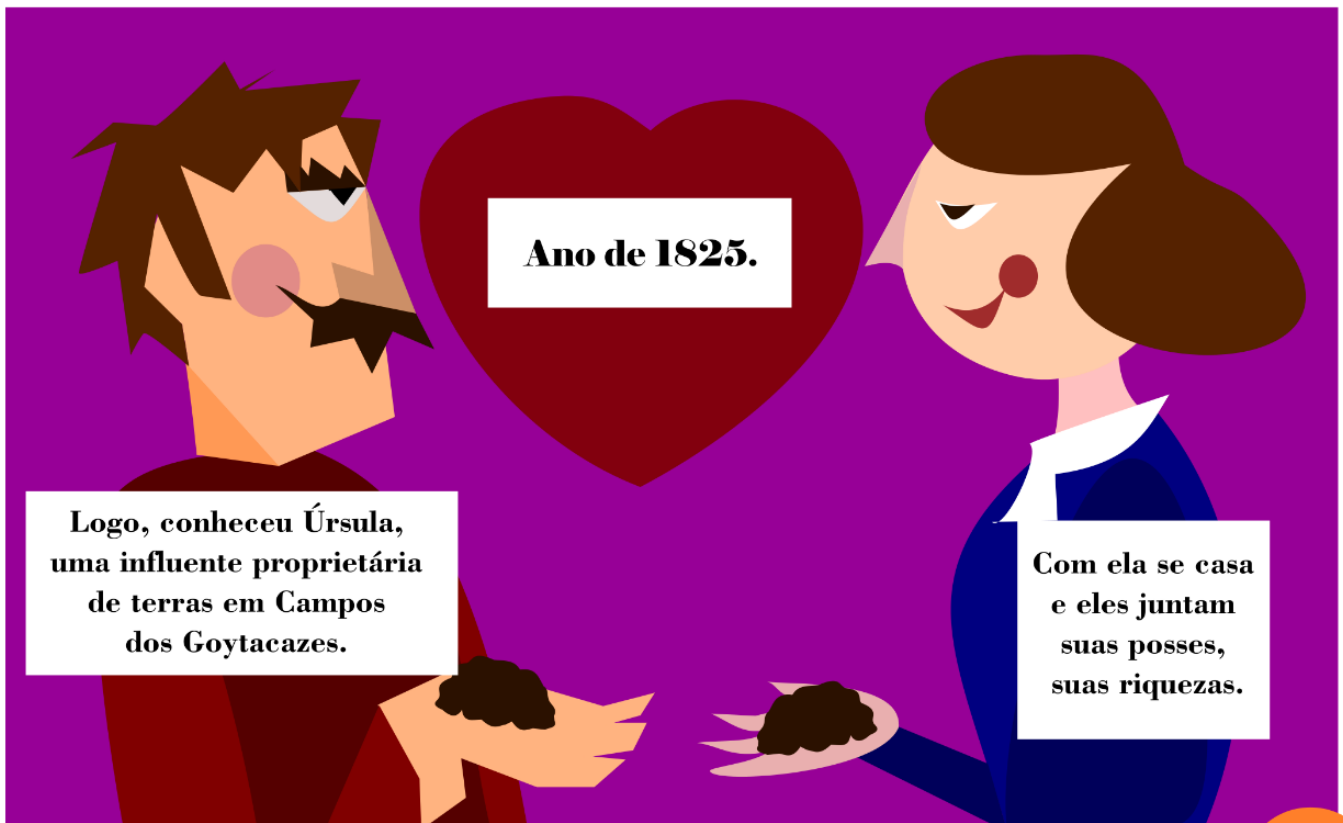


Ano de 1823.

Alguns anos após casar-se,
sua esposa veio a falecer.

"A terra não
se cobra, com
a terra,
se cobre."

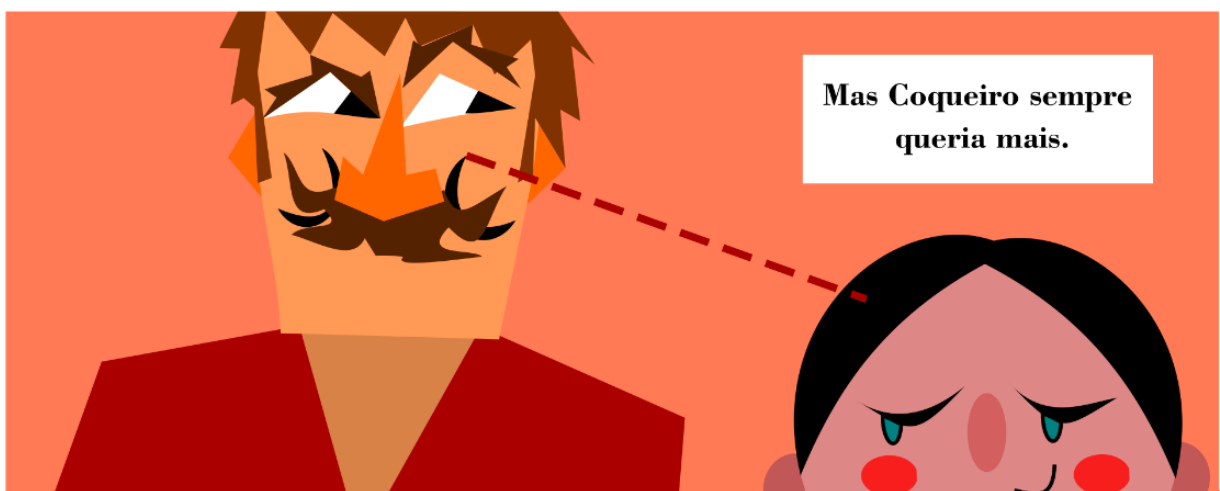
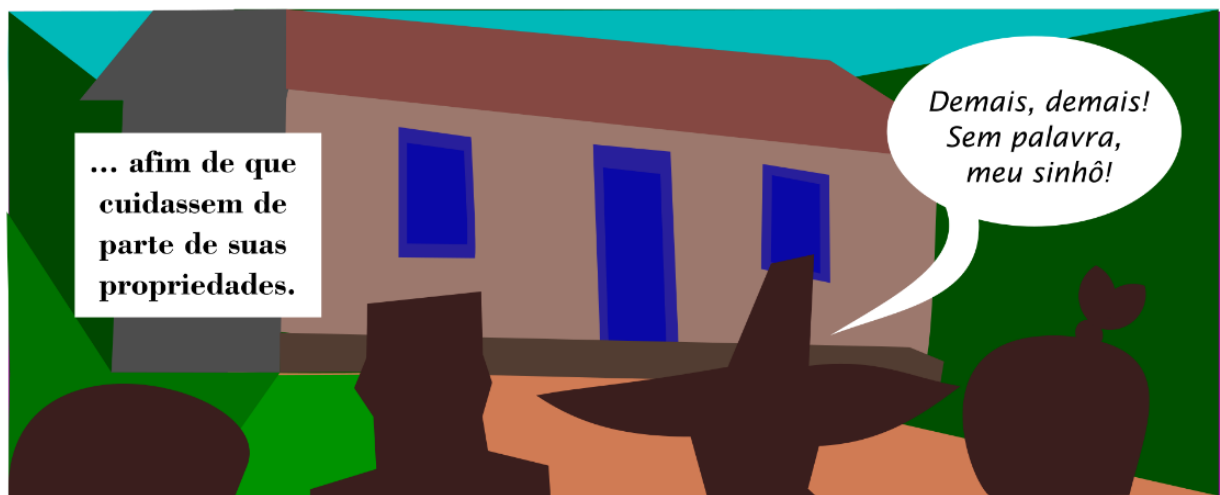
Mas sua história apenas estava começando.



Ano de 1825.

Logo, conheceu Úrsula,
uma influente proprietária
de terras em Campos
dos Goytacazes.

Com ela se casa
e eles juntam
suas posses,
suas riquezas.



Coqueiro teve um romance secreto com Francisca, a filha de seu meeiro.

Ano de 1852.


Mas essa traição não ficou guardada por muito tempo, pois Francisca ficara grávida de Coqueiro.



**Doloroso, inclusive,
para Coqueiro, que, em
uma de suas viagens,
acabou sendo vítima de
uma tocaia armada por
Benedito.**


**TROTA
TROTA TROTA**

**O meeiro deu-lhe
uma surra, sem que
ninguém pudesse
socorrê-lo!**

An illustration of a man with a large orange beard and a green headband, looking distressed with a tear on his cheek. Behind him, a woman with orange hair is shown in a dark room, looking away with a sad expression. The background features dark, jagged shapes representing trees or structures.

Dias mais tarde,
numa madrugada,
o meeiro teve sua casa
invadida por jagunços
que o mataram junto
a mulher.

A casa, em seguida,
foi incendiada.

An illustration of a woman with long black hair, wearing a blue dress, running away from a house on a hill. The house has smoke rising from it, and the windows are glowing with fire. The scene is set at night with a large yellow full moon in a dark blue sky. The woman has a look of fear and is crying.

Apenas a jovem Francisca
conseguiu fugir e, após horas
de fuga, teve acolhimento em
uma das fazendas vizinhas,
de uma família inimiga
de Coqueiro. .

Coqueiro foi a júri, por anos, tendo como principal testemunha de acusação Balbina e os demais escravizados de sua fazenda.

Anos de 1852 e 1953.



CULPADO!

Ano de 1854.

**Mais tarde, Coqueiro foi
condenado à forca pela
morte da família do meeiro.**



*Pena de
Morte*

**Fala-se que o encaminhamento de
Coqueiro à forca se deu por causa de seu primo
Julião, muito influente e poderoso na corte.**



Na noite que precedeu o seu fim, Coqueiro teve sua última visita.

Meu filho, alivie-se na confissão de todos os seus pecados.



De todos os meus pecados, padre?!

Acha que temos tanto tempo assim?



Mas se o senhor tiver...

...posso contar também o que ninguém quis ouvir até agora...



...quem sabe o senhor, padre, e seu Deus, realmente, queiram me ouvir...



Coqueiro, então, contou toda a verdade sobre aquela maldita madrugada. Mas o padre teve que guardar consigo a verdade.

Na manhã seguinte,
já sobre o patíbulo...



Aonde haviam populares, Coqueiro apenas enxergava seus algozes.

...MALDITOS!!!!

**QUE A PARTIR
DESTE DIA...**

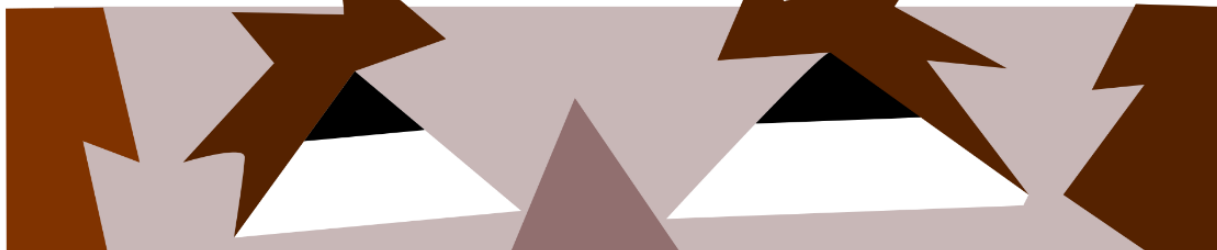
**...MACAHÉ
NÃO
PROSPERE...**

**...POR
100 ANOS!**

Subitamente, o ranger da corda calou Coqueiro.

TERRRRC...

Mas , de qualquer forma,
a praga fora proferida.



Depois, o silêncio foi geral.



Nesse dia, Coqueiro ficou suspenso
entre o Céu e a Terra, entre a Vida e
a Morte de toda sociedade macaense,
para todo o sempre.

**Mesmo depois de tanto tempo,
mesmo tendo-se vencido
o prazo da maldição,
este personagem segue
no imaginário da cidade de Macaé:
se culpado, Motta, o bicho-papão;
se inocente, Coqueiro Maldito.**

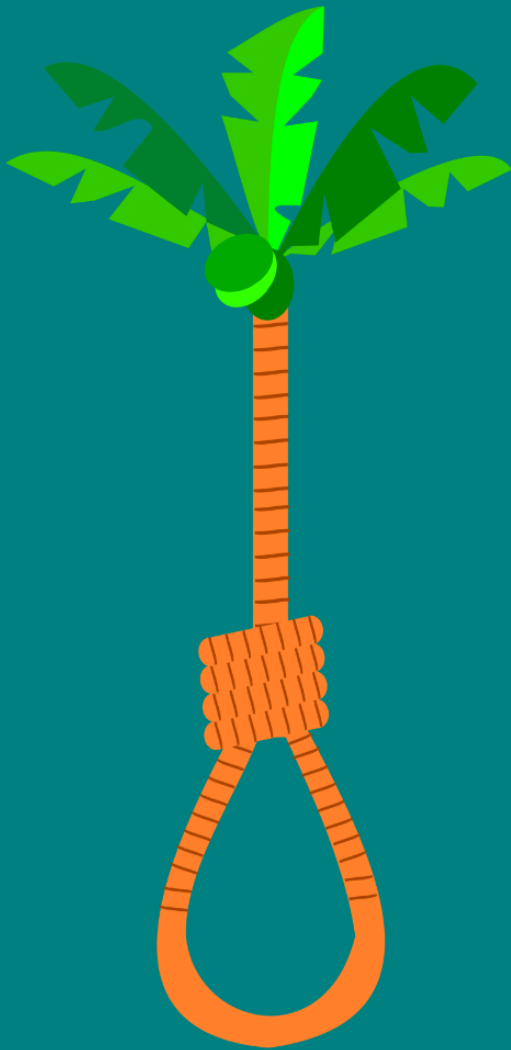
Bibliografia:

MARCHI, Carlos. Fera de Macabu, a história e o romance de um condenado à morte. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

PATROCÍNIO, José do. "Mota Coqueiro ou a Pena de Morte". Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/SEEC, 1977. (1ª ed: 1878);

VASCONCELOS, Antônio Antão. "Crimes Célebres de Macaé". Macaé (RJ): 1901.

.



45